

## **Lição 1: A Vida do Buda do Nascimento à Renúncia**

### *Mais sobre o Contexto da Renúncia do Buda à Família*

#### **Venerável Bhante Henepola Gunaratana, Nyaka Thera**

Tão logo Sidarta nasceu numa família real, toda a região ficou sabendo. Vieram astrólogos e fizeram previsões sobre o futuro da criança. Dois astrólogos disseram que ou ele permaneceria em casa ou renunciaria ao mundo. Um terceiro astrólogo afirmou que ele renunciaria ao mundo. Assim, todos na região sabiam que Sidarta estava destinado a renunciar à posição principesca que tinha na vida.

A moça com quem Sidarta se casou, Yasodhara, também conhecia estas profecias. Yasodhara era da mesma região e sabia muito bem que Sidarta deixaria o lar e se tornaria um asceta. Sabendo disso, concordou em desposá-lo. Era uma mulher muito inteligente. De acordo com as tradições budistas, ela também tinha cumprido as perfeições – *paramis* – para tornar-se sua esposa. Desde o dia em que se casaram, ela certamente vinha observando que o marido era um homem contemplativo, muito calmo, muito pacífico.

Mesmo na infância, enquanto outras crianças brincavam, o príncipe Sidarta sentava-se sob uma árvore para meditar. Quando outras crianças maltratavam animais, ele procurava salvá-los. A descrição de sua infância dá a clara impressão de que ele era um menino contemplativo; da mesma forma, ele foi um jovem contemplativo. Yasodhara sabia de tudo isso. E cada vez que o via sentado em algum lugar, contemplando ou meditando calmamente, dizia-lhe:

"Querido, não se preocupe. Sei que você deixará o palácio. Sei disso. Todos os astrólogos previram. Todos no país sabem disso. Todos observamos que é isso o que você é. É isso o que você quer. Querido, não importa qual a decisão que tome, amo você. Amo-o tanto que farei qualquer coisa por você sem hesitar. Tome sua decisão. Estarei do seu lado. Aceitarei sua decisão."

Isto é o que uma mulher amorosa diria a seu marido. E deu-lhe sua palavra: "Apoiarei você em qualquer decisão que tomar". Não é só; sei que você irá partir, mas não parta sem me dar um filho. Assim, quando você partir, terei alguém que me faça lembrá-lo. Cuidarei de seu filho quando você estiver ausente".

Quando uma mulher vê o filho, recorda o marido. É uma verdade psicológica natural. Assim, ela lhe disse: "Você me dá um filho, mas não permanece em casa, porque mesmo que tenhamos uma criança, você ficaria infeliz, estaria sempre pensando em partir. Esse é o destino escrito em seu horóscopo. Todos sabem que é o que você fará. Assim, no dia em que a criança nascer, você virá vê-la e, então, partirá. Tomarei todas as providências para que você deixe o palácio. Não se preocupe com a criança e não se preocupe comigo. Estou no palácio de seu pai. Ele providenciou muitos empregados para mim. Sua mãe é como se fosse minha mãe e me ama. Estou protegida. Por favor, não se preocupe comigo".

Atualmente, em nossa sociedade moderna, todos se preocupam com a economia, o emprego, o dinheiro, a previdência social, o seguro de saúde, e assim por diante. Para avaliar o contexto em que se deu a decisão de Sidarta de deixar esposa e filho, entretanto, temos que compreender que isso aconteceu há dois mil e seiscentos anos, na Índia. A sociedade indiana era (e, em grande medida, ainda é) uma cultura em que o casamento unia famílias em um contrato legal e social. Quando uma mulher se casava, casava com a família inteira do marido. Dessa forma, no palácio real da família de Sidarta, tudo foi arranjado perfeitamente para que Yasodhara vivesse confortavelmente. Com este conforto, com esta segurança, com esta compreensão e com este amor extremo, ela concordou em deixá-lo partir.

Sidarta prometeu: "Querida, quando encontrar o que estou procurando, voltarei para vê-la". Assim, com esta garantia, com esta segurança, ele partiu. Tão logo saiu, seu sogro e sogra acolheram-na como sua própria filha. Não se vê um único relato de discussão, desavença ou ressentimento na família. Todos a apoiaram e lhe deram muito conforto.

Assim que Sidarta alcançou a iluminação, voltou para casa. Quando retornou, seu filho tinha sete anos de idade. Enquanto todos os demais se reuniam em família, o Buda foi ao dormitório de Yasodhara e sentou-se. Ela se aproximou e, segurando seus tornozelos, chorou de alegria por vê-lo após sete anos. Ela não disse: "Vá embora, você abandonou meu filho e a mim e é desleal, ingrato e infiel. Vá embora, saia!"

Ela ficou muito contente, cheia de alegria. Sem proferir uma palavra, segurando seus tornozelos, chorou até que seus pés ficassem encharcados com suas lágrimas. Então, dirigiu-se ao filho e disse: "Querido, este é seu pai. Veja, esta pessoa de aparência majestosa é seu pai. Ele possui uma riqueza oculta. Vá até ele e peça-a".

Assim ela enviou-lhe seu próprio filho. A criança se aproximou e, apontando para ele, disse: "Papai, até sua sombra me faz feliz, me acalma, torna-me pacífico. Eu amo você. Ouvi que você possui uma riqueza. Dê-me essa riqueza".

O Buda disse: "Meu filho, dou-lhe a riqueza que é imortal. Toda a riqueza que você obtiver do mundo será perecível, por esse motivo, dou-lhe a riqueza imortal". Então, levou-o ao mosteiro e ordenou-o.

E, por fim, o que aconteceu à família de Sidarta Gautama? A madrasta do Buda tornou-se monja, sua esposa tornou-se monja, seu primo Ananda tornou-se monge, seu filho tornou-se monge. O pai do Buda, o rei Suddhodana, alcançou o estado de *anagami* (o terceiro nível de realização supramundana). O pai do Buda visitou sua mãe em Tusita, um reino celestial. Assim, a família inteira do Buda foi profundamente transformada e abençoada pela iluminação do Buda.

Sempre que contamos a vida do Buda, temos que mostrar o quadro completo, incluindo a diferença de culturas, para que as pessoas compreendam perfeitamente. Temos que mostrar o contexto sociológico, cultural, geográfico e religioso para apresentar o quadro corretamente.